



EDITORIAL

ANO NOVO, VIDA NOVA

Fim de ano. Pouco mais que o cair da folha do calendário com a sensação indefinida da mudança de números. A contrastar com a festa e a alegria de muitos nas passagens de ano, a serenidade das reuniões de família, o tempo de mudança feito de intranquilidade e esperança.

Para uns o prazer da vida, da força do momento que passa, a intensidade do presente, enquanto que para muitos restava a instabilidade amarga do passado, a inutilidade dos dias perdidos, a consciência da tarefa do futuro.

Fim de ano, festa de consumo, doce prolongamento dum Natal lindo, tempo de contas, de balanços, de regozijo para os fortes e os vencedores com saldo positivo nas contas bancárias e da frustração dos bolsos cheios de promessas e desenganos dos vencidos e humilhados.

Mudar de ano, troca de calendário, sucessos, derrotas, desastres, guerras e a notícia distante de convulsões sociais. Assim foi por muitos e longos anos.

A dominar a nossa realidade o vulto enorme, pesado, de um cérebro predestinado à infalibilidade, dono da sabedoria total dos problemas que nos afligiam. O segredo do equilíbrio estava nas elites bem instaladas, de consciência religiosa tranquila e inspirada para conduzir as massas transviadas e amedrontadas do povo ao caminho da salvação e do reino dos céus. E o povo devia-lhe muita gratidão pela paz em que vivia e pelo sacrifício da sua vida austera de sacerdote dedicado e puro...

Durante muito tempo, mudar de ano, foi o virar de página de um livro sem futuro, ensombrado aqui e acolá pela maldição de palavras terríveis como socialismo e subversão, mas iluminado pela mão forte inspirada por Deus e pelas técnicas subteis de uma polícia requintada.

Ao tempo de paz sucedeu o da guerra, com a exaltação das virtudes ráticas e a legalidade da violência.

Mudar de ano, continuava a ser favorável para os lucros chorudos dos mais fortes mas, guardando conveniências religiosas e humanitárias, havia que criar agora, o sentimento

(Continua na pág. 2)

UMA PÁGINA DE BERTRAND RUSSELL

O QUE CADA UM FIZER...

Vai por esse mundo enchente de coisas dolorosas. Esperanças humanitárias, que pareciam universais, passaram a mostrar-se ilusórias; em vez do progresso, o que se apresenta é uma revivescência da antiga selvajaria.

Como evitar o desânimo e a falta de esperança? De que nos serve zelar pelas crianças, se o mundo virá a ser tal, que a existência para elas se tornará intolerável? Será com efeito, a expectativa da felicidade e do aperfeiçoamento humano, mero motivo de decepção?

Estou certo de que a resposta a essas perguntas não se acha no desespero.

Talvez pareça retencioso considerar possível fazer-se algo de importante para melhorar a sorte do género humano. Mas pensar assim é iludir-se. Devemos acreditar na possibilidade de contribuir para a criação dum mundo melhor. Uma boa sociedade é fruto somente de bons indivíduos, da mesma maneira que a maioria, numa eleição presidencial, decorre dos votos de eleitores individuais. Cada qual pode agir a fim de criar em torno de si, expressões de bondade e não de cólera, o sentimento em vez da violência, a felicidade em vez da miséria. Da soma de tais acções decorre um mundo bom ou um mundo mau. Tratando-se, por exemplo, dum estadista eminente, seu ralo accção é grande; se de um homem humil, pequeno. No primeiro caso, pode-se fazer muito; no segundo, pouco. Mas sempre é possível fazer alguma coisa.

Os pais que educam a criança de maneira que ela seja bem orientada e boa, estão contribuindo com sua quota para a instituição dum mundo feliz. Todo aquele que resiste às tentações da intolerância ajuda a instituir uma sociedade em que grupos diferentes poderão viver lado a lado em mútua amizade. Um homem pouco pode fazer contra os grandes males, mas os grandes males nascem da soma de males menores, do mesmo modo que o bem nasce da soma dos pequenos actos bons.

Dir-se-á, porém: que pode o homem contra o mundo? Se alguém for perverso, poderá concorrer para o mal. O bem e o mal, por grandes que sejam, brotam dos esforços individuais — não somente de pessoas altamente situadas, mas dos homens e das mulheres que compõem ordinariamente a sociedade.

Nunca na história do mundo foram tão necessárias e importantes como hoje a independência do pensamento e a consciência da personalidade em cada ser humano. Cada um de nós precisa de fazer um esforço sério e decisivo para alcançar alguma coisa melhor do que o presente. Deve haver esperança num mundo de menos iniquidade e sofrimento, e vontade firme de fazer tudo o que seja possível para criá-lo. Não podemos combater as imensas forças dinâmicas do fanatismo,

(Conclui na página 8)

RASCUNHOS

Estive na Assembleia Geral em que a Académica de Espinho soube dizer firmemente NÃO à teimosia de um senhor que quer levar o seu hóquei em patins para a Associação de Aveiro.

Nem surpreendido nem eufórico com a unanimidade do NÃO. Porque essa unanimidade é uma coerência. Porque essa unanimidade é uma verdade velha. Porque essa unanimidade é a resultante de uma realidade geográfica, política, social, desportiva, etc. que se não coaduna com a irrealdade administrativa de que Espinho continua a ser vítima.

Data de 1835, 13 anos depois de o Grito do Ipiranga ter tornado o Brasil um país independente, o decreto em que a Senhora Dona Maria Segunda (como os tradicionalistas gostam de tratar os Chefes de Estado ante-mil-novecentos-e-dez) sancionou a criação dos distritos portugueses. Distritos que a Revolução Liberal entendeu fazer substituir as arcaicas Comarcas. Numa altura em que Espinho era um lugarzito ignorado da freguesia de Anta.

De lá até estes primeiros dias de 1975 muita água correu sob as pontes, muito cemitério viu aumentado o número das suas lápides choronas, muito povoado estagnou e muito outro progrediu.

Vários sectores da vida pública nacional, atentos à mudança dos tempos, mudaram as suas áreas. Da divisão judicial à religiosa, da militar à portuária, da escolar à desportiva, houve adaptações. Até, nos anos quarenta, surgiu a inovação de umas províncias em cuja delimitação se adoptavam critérios mais actualizados.

Só os distritos ficaram na mesma. Velhos de quase 140 anos estão a precisar de reforma. Uma reforma que o 25 de Abril talvez venha a concretizar. Uma reforma que o 25 de Abril tem que concretizar. Uma reforma que vai atingir o Código Administrativo que tantos remendos tem levado que ninguém lhe vê parentesco com o que foi inicialmente.

Ou será que eu também estou a ficar teimoso?

C. P. M.



A ANEDOTA DO ANO

No Metropolitano, às 19 horas da tarde. Comprime-se a multidão ululante. Um dos passageiros comprimidos sopra ao ouvido do vizinho:

— Olhe, se faz favor, o senhor é do M. F. A.?

— Não, não sou.

— Mas, tem algum parente no M. F. A.?

— Não, não tenho.

— E um amigo ou conhecido?

— Não, não conheço lá ninguém.

— Tem a certeza?

— Absoluta.

— Então, seu imbecil tire a pata de cima do meu pé antes que eu lhe parta a cara!

(Do «Expresso»)

VIDA REGIONAL

A n t a

OS NOSSOS «BURACOS»

A habitação do ser humano é composta de atitudes e vivências que normam quem as vive e desnormam quem as aprecia.

De sempre se tem dito que «o hábito faz o monge»; o bom filho a casa torna; água batendo em pedra dura tanto bate até que fura; etc., tendo em linha de conta as excepções que terão jus a frutuosa discussão.

De sempre as gerações seguintes tomaram o partido de acabar com as habitações que foram descobrindo ao longo da sua convivência com os seus maiores.

De sempre chamaram botas de elástico aos que já cá se encontravam a contatados com os seus semelhantes e localizados em postos conquistados, uns, com mérito, outros, apadrinhados.

De sempre se degradou por outras normas de vida comunal, cujo travão é creditado aos entronizados, no pensar dos nossos filhos.

De sempre a luta despertou a belicidade de cada um levando-os aos mais estranhos lugares e aos mais desconhecidos fervores.

A competição dá motivações extraordinárias à vida da comunidade.

Sem competição não há possibilidade de nos sentarmos em um lugar que se conquista com mérito.

As vivências criadas pela habitação criam no ser humano novas fontes de interesse e novas afirmações de fé, ou de trabalho, que podem diferir e ser proclamadas de outro modo junto de outras gentes. A competição actua consoante se apresenta o adversário.

De entre tantas contradições humanas ressalta um predicado comum que ninguém abdica de possuir: a LIBERDADE.

Nem a habitação, nem as atitudes estudadas, nem as vivências a conhecer, nem os discursos arrogantes dos novos pugnando por novas coisas, conseguem sepultar a riqueza que cada um arrecada na sua arca: a LIBERDADE.

Podemos ajudar o próximo a conquistar a sua liberdade física, mas não consentamos que privem a inteligência do mesmo da sua liberal actuação. Amanhã consentirão que sejamos nós a perder esse direito. Lutemos pela nossa liberdade com as armas leais da democracia.

Entretanto a habitação minou a nossa confiança nas coisas livres. Burilou o nosso íntimo com ferramentas preciosamente eficazes.

Derramou veneno gotejante na nossa inteligência.

Inoculou soro pestilento nas nossas veias.

Injectou toneladas de mentiras sangrentas nos nossos corações amantes de paz e de amor fraterno.

As nossas atitudes eram teatrais, por viverem de inibições.

As nossas vivências foram enegrecidas pelas labaredas do medo. Escondiam-se dos olhos dos nossos irmãos martirizados para exemplo da grei.

Neste momento estamos a despir o hábito que faz o monge, com milhares de cautelas, ainda imbuídos dos fumos tenebrosos que pearam a nossa confiança no amanhã.

Este amanhã andou muito depressa passando a ser HOJE. E então os problemas começam a cair nas ombreiras da nossa porta.

E temos de abri-la de par em par para deixar entrar todas as ideologias. E temos de ouvir os mensageiros. E temos obrigação de separar, de joeirar. E temos de dar a nossa opinião válida e concreta. E não podemos mais ir pelo caminho do vizinho. Temos de seguir o nosso firmemente, emparceirado com a vontade maioritária, ainda que não seja no final a nossa facção.

Não deixemos jamais que a habitação continue a nortear os nossos passos, e a toldar os escarminhos da nossa inteligência.

Não deixemos jamais que alguém decida por nós. Sejamos nós a decidir.

O tempo novo que vivemos credencia-nos com o dever de não deixarmos fugir a liberdade que possuímos e se vislumbra concretamente.

Desta vez sai do «buraco» para aclamar a força maravilhosa da liberdade que entrou dentro de nós, como bálsamo para um corpo doente dos fumos tenebrosos, dos venenos mortais, das inoculações desumanas, dos buris afiados, de medos universais.

Saiamos do buraco e valsemos no terreiro da nossa Pátria com a confiança que nos inspira a força da nossa LIBERDADE.

Busquemos a luz e deixemos que a escuridão volte aos subterrâneos de onde veio.

Façamos da nossa inteligência e da nossa acção uma arma que defenda a liberdade deste nosso Portugal do qual somos herdeiros.

17-12-1974

ERRO

A RUA SETE

Foi há 40 anos o mundo da minha infância.

Nesse tempo, acentuadamente, cada rua constituía um núcleo distinguido no espaço social e urbano de Espinho. E isso porque as ruas, pela modéstia ou opulência das casas que nelas se situavam e exibiam, demonstravam a posição económica e social dos respectivos moradores.

São as ruas, as veias por onde circula a vida duma terra, e são as casas, as células donde essa vida emana. E são as famílias que infundem o carácter a uma terra, conforme os valores sócio-económicos que intervêm e pelo que representam. Assim, o grau de desenvolvimento duma terra está proporcionalmente condicionado ao valor económico, cultural e social dos seus habitantes. Os valores culturais e sociais existentes numa terra, são sempre aproveitados e laboriosos resultados do valor económico. Pode uma terra ser economicamente rica, mas pobre em cultura e em valores humanos, o contrário é que não pode ser.

Se existiam boas vivendas e um agradável «habitat» social na Avenida 8 na Rua 19 e noutras do

centro da Vila, existiam também casebres e palheiros e um «habitat» de doença e miséria nas ruas situadas nos extremos norte e sul de Espinho, onde residiam os mendigos e os pescadores.

Nesse tempo, as ruas de maior movimento eram as perpendiculares ao mar que dispunham de passagem de nível, estabelecendo apenas excepção, a curvilínea Rua 62 (Rua do Passeio Alegre) por ser o elo rodoviário com a cidade do Porto. Havia pois, como ainda hoje, 4 ruas que faziam a ligação à praia. A norte, a Rua 7. Ao centro, as Ruas 19 e 23. Ao sul, a Rua 33.

O tráfego de mercadorias era praticamente todo feito pelo Caminho de Ferro, o que ocasionava um movimento quotidiano enorme de carros de bois, carroças de cavalos, um vai-vém constante para o cais da C.P. E, a Rua 7, por se encontrar em melhores condições de acesso, era um cenário policromo de vida. Por ela circulavam as mercadorias indispensáveis à vida de Espinho.

Chegando o verão a Rua 7 animava-se dum movimento cosmopolita com a passagem de auto-



DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR
BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR E CHEFE DE REDACÇÃO
ANTONIO GAIO

REDACÇÃO
ARMENIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
JOAO QUINTA

PROPRIEDADE
EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Officinas gráficas da CASA NUN'ALVARES
Rua de Santa Catarina, 630
P O R T O

EDITORIAL

Ano Novo, Vida Nova

(Conclusão da 1.ª página)

compungido de tristeza e gratidão pelo sacrifício das jovens gerações que se sacrificavam e traumatizavam por uma Nação pluricontinental.

O cérebro profético e gigante caiu, caiu de uma cadeira, mas as elites e os delfins da corte estavam prontos. A renovação na continuidade abriu sorrisos mas abriu também estragos irreparáveis num tronco carcomido e podre de uma mentira de quase meio século.

As Forças Armadas, o Povo Fardado, rasgaram um tempo em que a verdade seria a verdade e o Povo seria Povo.

A Revolução do 25 de Abril trouxe-nos o sabor admirável dessa palavra tão maltratada e incompreendida que é a Liberdade.

Mudar de ano, hoje, não é mais o virar insípido das folhas do calendário, não é mais só um tempo de balanços, não poderá ser mais um tempo de indiferença e de inconsciência pelo futuro de todos.

Mudar de ano, hoje, é o conhecimento que todos devem ter de um tempo que será difícil pelas mudanças que têm de ser feitas e conquistadas para merecermos a confiança e a gratidão das gerações vindouras, arremessando para longe o perigo das traições.

Os tempos mudaram mesmo e é imperioso e urgente que todos os cidadãos deste País se convençam disso, fortes e fracos, exploradores e explorados, porque pode não se ir tão longe como seria de desejar mas o movimento é irreversível.

Ano novo, vida nova.

Fazemos votos para que seja mesmo assim e que todos sintam o dever da sua adesão, do seu trabalho, do seu sacrifício, para que 1975, mesmo com todas as preocupações e dificuldades que o esperam seja um ano realmente novo.

ANTÓNIO GAIO

LIVROS E AUTORES

INICIAÇÃO AO SINDICALISMO

Quando nos (o País) iniciamos no sindicalismo, eis um livro oportuno: INICIAÇÃO AO SINDICALISMO, de Lucien Rioux. E não só oportuno, mas também de apreciável qualidade: Lucien Rioux, militante sindical francês e jornalista do «Nouvel Observateur», acompanha há décadas a actividade sindical, a respeito do que publicou já vários trabalhos.

INICIAÇÃO AO SINDICALISMO dá uma chave para os problemas fundamentais do sindicalismo e traça uma panorâmica dos sindicatos em França, Suécia, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Alemanha Federal, Itália, etc.

A obra tem trezentas e tal páginas; o preço é de 90\$00 e foi publicada por Iniciativas Editoriais (Av. Rio de Janeiro, 6 — s/cave esq. — Lisboa).

«A TRAIÇÃO DE SALAZAR»

Saiu na colecção «Século XX-XXI», de Iniciativas Editoriais, «A TRAIÇÃO DE SALAZAR», de C. Gonçalves (70\$00 — 175 páginas).

Cansado Gonçalves foi, nos anos 30/40, um dos mais destacados antifascistas portugueses, e este seu livro tem apreciável interesse sob dois aspectos:

- é um importante documento para a história do antifascismo e do marxismo (o livro é composto de exposições privadas que o autor fez no ano de 1943);
- um dos textos é uma análise funda (hoje preciosa) da política económico-financeira de Salazar.

DE SALAZAR», de C. Gonçalves (70\$00 — 175 páginas).

Cansado Gonçalves foi, nos anos 30/40, um dos mais destacados antifascistas portugueses, e este seu livro tem apreciável interesse sob dois aspectos:

- é um importante documento para a história do antifascismo e do marxismo (o livro é composto de exposições privadas que o autor fez no ano de 1943);
- um dos textos é uma análise funda (hoje preciosa) da política económico-financeira de Salazar.

HISTÓRIA DA 1.ª REPÚBLICA PORTUGUESA

Saiu o 7.º fascículo de História da 1.ª República Portuguesa, por A. H. de Oliveira Marques, edição de Iniciativas Editoriais. Agora que entramos na 2.ª República, o conhecimento da 1.ª tornou-se ainda mais importante, mais necessário, mais útil, pelo ensinamentos que nos pode proporcionar.

Este fascículo 7.º trata das classes sociais e é ilustrado com gravuras da época (um delas a cores, extra-texto) e mapas (gráficos e estatísticos).

móveis vindos do Porto, dirigindo-se à praia e ao Casino.

A Rua 7 era um pequeno mundo como o seu calendário que lhe pautava através das estações do ano o ritmo e até o estilo de vida.

(Continua)

Álvaro Baptista

L E ASSINA
«DEFESA»

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

Bodo a Pobres

No dia 22 de Dezembro, com a presença do sr. Artur Bártolo, representante da C. A. da Câmara Municipal, dos dirigentes e funcionários do Centro de Assistência Social de Espinho, foram entregues a 220 famílias pobres do concelho bodos do Natal, cada um constituído por: um bacalhau, um litro de azeite engarrafado, um quilo de açúcar empacotado, um quilo de arroz empacotado, um litro de vinho engarrafado, cinco quilos de batatas, um cacete de um quilo, um quarto de quilo de café e uma embalagem de bolos.

A má situação financeira da instituição não teria permitido esta distribuição se não fora a colaboração recebida de várias entidades, especialmente da Câmara Municipal, que ao fim destinou a quantia de 10 500\$00 pela instalação de uma pista de

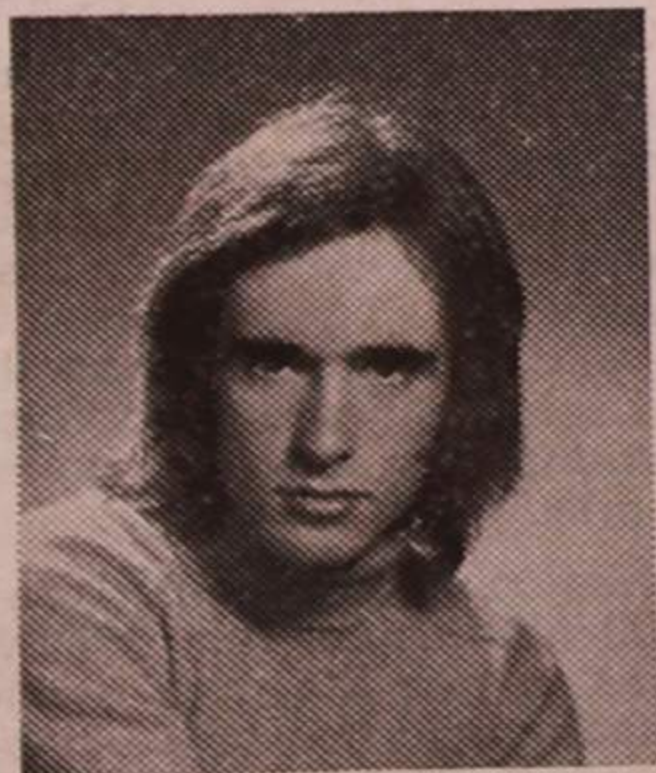
automóveis no parque de estacionamento próximo das trazeiras da Igreja Matriz, e da Solverde, que ofereceu a importância de 25 000\$00. As firmas Sociedade de Vinhos de Espinho, Lda., Viúva de Henrique Balona, U. V. A., Vinhos Cantinho e J. F. Soares ofereceram todo o vinho necessário, tendo a Fábrica Hércules oferecido 20 litros de azeite e todas as garrafas para o azeite distribuído, e a ALPAL 125 cacetes. Como contributos monetários, houve 2 500\$00 da Junta de Freguesia de Espinho, 2 000\$00 da Luso-Celuloide e 908\$00 de Alberto Pinho Faustino.

O Centro de Assistência agradece publicamente a quantos generosamente contribuíram para minorar a situação de alguns pobres, colaborando assim na sua iniciativa.

PELA P.S.P.

No passado dia 22 o conserveiro Joaquim Loureiro, casado, de 36 anos, residente na rua 16, n. 1226, estava no Café Trovador. Tornando-se inconveniente o seu comportamento, o proprietário daquele estabelecimento teve que recorrer aos serviços da PSP para que dali se retirasse. Mais tarde o mesmo indivíduo tentou agredir um agente da PSP que estava de sentinela à Esquadra. Imediatamente detido, acabou por ser remetido ao Tribunal.

Na Secção local da PSP queixou-se Arlindo Ribeiro Tavares, da Estrada de Anta, de, na noite de 22, lhe ter sido roubado o seu automóvel PP-32-16, que veio a ser localizado em Espinho no dia 23.



ALBINO MORAIS DA SILVA
AGRADECIMENTO

Seus pais, António Alves da Silva e Maria Rosa Moraes Ferreira, seus irmãos Irene Moraes da Silva Espírito Santo e Manuel Jorge Moraes da Silva, e seu cunhado Carlos Ribeiro Espírito Santo, muito sensibilizados, agradecem a todas as pessoas que, quer acompanhando o seu funeral quer assistindo à Missa do 7.º Dia, assim comungaram na dor que os atingiu.

REUNIÕES POLÍTICAS

Guetim voltou a ter uma reunião política, desta vez promovida pelo M. D. P. / C. D. E. cuja Comissão Concelhia ali se deslocou para uma sessão de esclarecimento político. A vasta assistência presente ouviu várias explicações sobre o tema «O povo e a política» e «O Programa do M. D. P. / C. D. E.», findo o que se travou animado diálogo entre os ouvintes e os componentes da mesa que dirigia os trabalhos.

DO HOSPITAL

Movimento de 17-12-74 a 30-12-74

Internamentos Gerais	66
Exames Radiográficos	185
Crianças Nascidas	34

Intervenções Cirúrgicas

Oftalmologia	3
Otorrino	10
Cirurgia Geral	5
Obstetrícia	1

Serviço de Urgência

Homens	416
Mulheres	414

Internados entre outros:

Maria Augusta Duarte Cadete, para Obstetrícia, de Espinho;
Maria Alice Ferreira Jesus, para Ginecologia, de Riomeão;
Maria Emília Ferreira Costa Silva, para Obstetrícia, de Guetim;
Maria Albertina Martins Vasconcelos Fonseca Guerra, para Obstetrícia de Espinho.

Agradecimento

MARIA SOARES RIBEIRO

Sua Família, bastante sensibilizada e reconhecida, vem agradecer a todas as pessoas que se incorporaram no funeral da saudosa extinta, e bem assim àquelas que se dignaram assistir à Missa do 7.º Dia.

AINDA E SEMPRE O LIXO

Rua 11, a poente da rua 24.
Rua 28, perto do entroncamento com a rua 62.

Terrenos murados da C. P. frente ao Campo da Avenida.

Ponte de Anta, à entrada de Espinho.

Quatro locais a título de exemplo. Porque infelizmente há muitos outros na nossa cidade. Postos onde os habitantes vizinhos despejam os seus lixos, insensatamente descuidados dos prejuízos que à sua própria saúde podem advir. Sítios onde a incivilidade, de mãos dadas com a ignorância e o comodismo, cria lixeiras imundas e infectas.

E uma pergunta a saltar. Porque será que a PSP, mais em funções preventivas que repressivas, não vigia esses locais e trata de induzir os cidadãos a cessar a sua atitude anti-higiénica?

«A VOZ DE ESPINHO»

Programa radiofónico sobre a actualidade espinhense, «A VOZ DE ESPINHO», produzido e dinamizado pelo conhecido e apreciado locutor Desidério Amaro, que contava com a colaboração também de Carlos Sárria, acaba de ser suspenso, segundo parece, por razões de ordem material.

E pena que assim suceda, porquanto o programa estava a interessar vivamente, sendo porta-voz de muitas opiniões, sugestões e esclarecimentos sobre a problemática da vida espinhense em geral, sem esquecer o sector desportivo em particular.

Embora a hora do programa não fosse a melhor para audição por parte dos ouvintes (das 18 às 18,30 horas às 5.ªs-feiras, na onda dos Emissores do Norte Reunidos), certo é que, para além de tudo, «A Voz de Espinho» era, através da força da rádio, um veículo de propaganda espinhense, dando a conhecer a vida e o palpitar duma cidade, e a forma como vive e resolve os seus problemas.

Oxalá que seja encontrada uma plataforma capaz de, em breve, fazer retornar «A Voz de Espinho», ainda mais dinâmica, actual e interessante, em benefício da nossa cidade.

NOVO LICENCIADO

Manuel José Cardoso de Azevedo, vulto conhecido do desporto espinhense, acaba de concluir a sua licenciatura em Economia. Ao nível diplomado «D. E.» expressa as suas felicitações pelo êxito obtido e deseja-lhe as melhores venturas na sua actividade.

Precisa-se

Empregada doméstica, para casa com duas crianças
Falar na Rua 3 n.º 327 1.º, Esq.
ESPINHO

PIANO

Vende-se

Em bom estado

— Falar pelo Telef. 921819 —

A DEFESA precisa de mais assinantes

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

3.º TURNO

Hoje, sábado — FARMÁCIA PAIVA, Rua 19, n.º 319 — Telefone, 920250;

Amanhã, domingo — FARMÁCIA HIGIENE, Rua 19, n.º 393 — Telef. 920320;

Segunda-feira — GRANDE FARMÁCIA, Rua 62, n.º 457 — Telef. 920092;

Terça-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA, Rua 19, n.º 46 — Telefone, 920352;

Quarta-feira — FARMÁCIA SANTOS, Rua 19, n.º 263 — Telef. 920331;

Quinta-feira — FARMÁCIA PAIVA, Rua 19, n.º 319 — Telef. 920250;

Sexta-feira — FARMÁCIA HIGIENE, Rua 19, n.º 393 — Telefone, 920320.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 4 — X 312 VOO PARA O INFERNO, com Thomas Hunter e Gila Webershausen — 18 anos.

Amanhã, domingo, 5 — BELA, RICA, COM PEQUENO DEFEITO FÍSICO, PRETENDE CAVALHEIRO, com Marisa Mell e Carlo Giuffré — 18 anos.

Terça-feira, 7 — NOITE SEM FIM, com Hayley Mills e Britt Ekland — 18 anos.

Quinta-feira, 8 — VISITA INESPERADA, com Trevor Howard e Lin Ulmann — 14 anos.

Sexta-feira, 9 — O CIRCO DOS VAMPIROS, com Adrienne Corri e Laurence Payne — 18 anos.

CASINO

Hoje, sábado, 4 — HEROIS DO KUNG-FU, com Chen Kuan Tai e Su Cheng — 18 anos.

Amanhã, domingo, 5 — O AMOR QUE ME SALVOU, com Patrícia Neal e Britt Ekland — 14 anos.

Segunda-feira, 6 — EMPRESTA-MA POR 15 DIAS, com Alfredo Landa e Conchita Velasco — 18 anos.

Quarta-feira, 8 — A IRMÃ DE CASTA SUSANA, com Terry Torday e Glenn Saxson — 18 anos.

Sexta-feira, 10 — O PIRATA DO REI, com Doug McClure e Gill St. John — 10 anos.

NASCIMENTOS

EM ESPINHO:

Sérgio Nuno, filho de João Fernando Ferreira Silva e de Maria Eduarda da Silva Ferreira;

Pedro Miguel, filho de António Nunes Ribeiro e de Maria Teresa Miranda da Fonseca Ribeiro;

António Manuel, filho de António dos Santos Moreira e de Maria Lucília Ferreira da Silva;

Paulo Jorge, filho de António Duque Nuno e de Maria Olinda Ribeiro Catarino Nuno.

FALECIMENTOS

EM ESPINHO:

Maria Gomes da Graça, de 82 anos, viúva de António Dias da Fonseca;

Agostinho Ferraz de Carvalho, de 78 anos, casado com Teresa de Jesus da Fonseca Metelo;

Manuel Bártolo Fernandes Camarinha, de 33 anos, solteiro;

Maria Rodrigues de Oliveira, de 57 anos, solteira;

Júlia da Silva, de 78 anos, solteira;

Carlos Alberto de Oliveira Lemos, de 58 anos, casado com Maria Celeste de Sá Figueiredo.

★

No passado dia 31 faleceu Francisca Cabrera Fernandes Lago, irmã de Carmen, Maria da Conceição e Adelina Lago e de Dr. Cândido Lago e José Lago, cunhada de Elvira Brandão Lago, Odeite Medeiros Lago, e tia de Maria Filomena Lago, Dr. José Brandão Lago e Luiz Brandão Lago.

A família enlutada apresenta «D. E.» as suas condolências.

FÁBRICA HERCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS. LDA

INDÚSTRIA
TRANSFORMADORA

MATÉRIAS
PLÁSTICAS

(Injecção — Compressão — Extorsão)
(Insuflação — Rotação — Vácuo)

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: HERCULES

TELEFONES: 920540 - 921096

APARTADO: 40

ESPINHO

“HERCULES”

GARANTIA de
FABRICO e QUALIDADE

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11.877
ESPINHO

DR.^a EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16
às 19 horas

Dr. José Manuel Gomes de Almeida

Clínica Médica e Cirúrgica

Rua 19, 364-1.º — ESPINHO
Consultas marcadas pelo tel. 921218

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações

Consultas todas as 3.ªs-feiras a
partir das 14 horas, na Policlí-
nica do Dr. Miranda Valente —
Rua 31 n.º 321 — Espinho — Tele-
fone 920689, p. f. marcar consulta.

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem
oxigénio, camas articuladas, etc.
Ambulâncias com oxigénio para
transporte de doentes
Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.
Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)
Telefone de urgência 922329
Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

Aluga-se

ESTABELECIMENTO PARA
COMÉRCIO NA RUA 24 N.º 1001
E 1011. TELEFONE N.º 921418

Aos assinantes

**A Administração
da «Defesa de Espi-
nho» pede a fineza
a todos os assinan-
tes que ainda não
pagaram a sua assi-
natura, para o fazer
com brevidade, re-
gularizando a sua
situação de assi-
nantes, e evitando
novas despesas de
cobrança.**

VOTO, ARMA DO POVO

Entre as medidas imediatas previstas no Programa do Movimento das Forças Armadas, talvez a mais importante, pelas suas consequências no futuro de Portugal, seja aquela que determina a realização de eleições para uma Assembleia Constituinte, eleições essas em que todos os portugueses deverão tomar parte.

Para a grande maioria dos cidadãos estas vão ser as primeiras eleições totalmente livres, sabido como é, que o anterior regime, para se manter no poder se via obrigado a dificultar as candidaturas e propaganda da oposição e a alterar, posteriormente, o resultado das eleições.

O M. F. A. e o Governo Provisório asseguram, completamente a seriedade das próximas eleições de forma a que as mesmas possam ser, na verdade, a expressão da vontade do Povo. Cabe, pois, a cada um de nós saber o que são eleições, saber porquê e para quê se vão fazer eleições e que partido se deverá escolher.

Auxiliar e fornecer elementos que permitam uma criteriosa escolha política é tarefa que compete a todos os Partidos, é assunto que cabe na propaganda política que se está a continuar a fazer livremente. Dizer o que são e para que são as eleições, é assunto que nos propomos abordar neste artigo.

O QUE É UMA CONSTITUIÇÃO POLÍTICA

Parece que neste momento da vida portuguesa, muita gente poderá interrogar-se sobre o que é, exactamente, uma Constituição Política e porquê e para que se vai elaborar outra. São dúvidas absolutamente justificadas por uma falta de cultura política que o regime derrubado em 25 de Abril sempre fomentou, a fim de manter o Povo afastado do conhecimento e da prática da política, de forma a que, numa ignorância generalizada, pudesse fazer o que muito bem queria.

Uma *Constituição* é um conjunto de conceitos e normas fundamentais que orientam toda a vida política de um país e aos quais têm de obedecer todas as leis, todos os decretos, enfim, tudo aquilo que é determinado pelo Governo.

A Constituição é, portanto, um texto escrito, composto normalmente por três partes:

— Um *Preâmbulo*, onde, em linhas gerais, se sintetiza qual o sistema político, que rege o país;

— Uma *Parte Dogmática* onde se definem os direitos e as garantias individuais básicas de todos os portugueses, e

— Uma *Parte Orgânica*, onde se refere a forma do Governo (se república, se monarquia), a estrutura dos órgãos do poder (se há um parlamento, se há duas câmaras, como se compõe o poder executivo, ou seja, o conjunto de órgãos governamentais que vão administrar a vida pública nacional) e como são nomeadas as individualidades públicas, as suas competências e relações entre si.

Desta breve explicação se conclui, facilmente, que a Constituição Política é o documento principal da vida do país e a sua importância implica grave responsabilidade para todos nós.

Portugal, em boa verdade, não tem Constituição Política alguma. Aquela que assim é denominada e datada de 1933, e que organiza o Estado Português em República unitária e corporativa, é mais uma Carta Constitucional, pois foi elaborada pelo Governo, sem que, para tal, tivesse havido representatividade do Povo. Embora algumas das suas disposições possam ser teoricamente aceitáveis, o facto é que, não prevenindo nem evitando a possibilidade de ser desrespeitada, permitiu que o regime fascista praticasse todos os atropelos e deturpações dos seus conceitos e normas sem que o Povo pudesse travar tal prática a não ser através de uma revolução armada que acabou por se realizar em 25 de Abril.

É, pois, absolutamente necessário fazer-se uma verdadeira Constituição que traduza a vontade do Povo, defenda os inte-

resses de toda a população portuguesa e abra o caminho para uma vida melhor. E como a Constituição interessa a todos nós, é indispensável que, na sua elaboração, todos nós participemos; porém, como é impossível que os cinco ou seis milhões de portugueses em idade adulta se juntem para discutir, apreciar e elaborar uma constituição, é evidente que terão de ser escolhidos uns tantos, de entre todos nós, que, em nossa representação e por nós elaborem, discutam e aprovem o texto constitucional.

O QUE É UMA ELEIÇÃO

Eleição é o acto de escolha; eleger é escolher alguém que nos pareça o melhor para desempenhar determinada tarefa ou ocupar um dado cargo público.

No caso das próximas eleições trata-se, como vimos, de escolher quem serão os melhores para trabalharem na elaboração da nova Constituição Política.

Segundo a lei eleitoral — lei esta que regula todo o mecanismo das próximas eleições — deverá haver aproximadamente um representante por cada grupo de 25 mil portugueses adultos, ou melhor, maiores de 18 anos; visto estarem estes calculados em cinco milhões e meio deverá haver cerca de 220 representantes, mais apropriadamente chamados *Deputados*.

Os deputados representarão todos os portugueses que, para este efeito, serão divididos conforme os distritos onde residam. Desta forma, cada distrito do Continente e Ilhas Adjacentes constituirá um *círculo eleitoral* e terá tantos deputados quantos os grupos de 25 000 eleitores residentes tiver.

De acordo com a mesma lei eleitoral, os candidatos a deputados deverão ser apresentados pelos partidos políticos, pelo que, a cada um de nós, competirá escolher, não propriamente os indivíduos, mas sim o partido político que, no nosso entender, melhor sirva os interesses dos portugueses.

É natural que, nesta altura, se torne um tanto difícil e embaraçoso fazer-se uma escolha. A grande maioria dos portugueses, melhor, a quase totalidade, sabe perfeitamente o que *não quer*: sabe que não quer o fascismo; mas muito mais difícil será saber o que quer e muitos vacilam entre um ou outro partido. Cabe, como já se disse, aos partidos políticos, difundirem a sua ideologia, os seus princípios, os seus programas de acção, as suas soluções para os diversos problemas que afectam Portugal; cabe, a todos nós, estudar cada partido e optar por um. Será nesse que nós iremos votar no próximo mês de Março.

A lei eleitoral estabelece um princípio de representatividade proporcional partidária. Este princípio, verdadeiramente democrático, permite que a Assembleia seja constituída, não por deputados todos eles pertencentes a um só partido, mas sim por deputados pertencentes a vários partidos, em número sensivelmente proporcional aos votos recebidos. Um exemplo prático ilustrará este princípio:

Suponhamos que uma dada região com 250 000 habitantes, tem 175 000 cidadãos adultos, o que lhe dará o direito de ter 7 deputados seus, ou seja um por cada 25 000 eleitores. Nessa região há 4 partidos que apresentam, cada um, 7 candidatos a deputados: será o partido A, o partido B, o C e o D.

Vamos supor que após as eleições, os votos dos 175 000 eleitores ficam assim distribuídos:

— Partido A	72 000
— Partido B	45 000
— Partido C	27 000
— Partido D	18 000
— Abst., vot. anulados, etc.	13 000
— TOTAL	175 000

Aplicando a regra determinada pela lei eleitoral, apurar-se-á que, cada um dos

Continua na página seguinte

FIM DE SEMANA • 84

Eles vieram todos consoar connosco, com o povo deste nosso país, no qual estou, estamos todos, que ele não há castas nem privilégios, nem falsas elites — há apenas povo, neste momento um povo na caminhada de retomar um destino livre que era o seu e de que foi privado.

Eles vieram todos, os que se perderam na luta da repressão política das castas que se tinham por não povo, e dele se apartavam e, quando o contactavam, era paternalmente, com um sorriso de bondade, piedade, superioridade, esses que eram tão povo e são tão povo como nós, mas que se elegiam como os fadados para o mando.

Mas vieram todos, os que morreram sem sentido nas lutas do ultramar, que deram a sua vida inutilmente numa luta odiosa e odiada, eles que eram o povo que sou, que somos, que não se finaram lutando por um ideal da Pátria, mas na defesa dos interesses económicos, que nem nacionais eram (e mesmo que o fossem a guerra era injustificada na mesma), joguetes de interesses capitalistas.

Um Natal diferente de deste ano. Um Natal de fraternidade, de família, de acalmia, de liberdade. Nem por isso menos um Natal político, pois neste país e neste momento nenhuma actividade ou solenidade, comemoração ou festividade, pode deixar de ter um valor político.

Aliás, já nos anos anteriores ao 25 de Abril, o Natal era aproveitado politicamente com um fim e uma atitude oposta: como meio de alienação, de exaltação do culto das tradições pátrias, utilizado para em parangonas e processos demagógicos justificar, exaltar e mistificar as guerras coloniais — não esqueçamos o rosário das mensagens do Natal vindas dos soldados para as famílias.

Neste Natal a incerteza deixou de pairar nos lares portugueses. Ainda não totalmente. Mas já não houve as famílias ansiosas com o destino dos filhos soldados — sabia-se lá se, enquanto consoavam aqui reunidos, eles morriam lá sozinhos...

Mas para os outros?

Para aqueles que perderam nas injustificadas e inúteis guerras do Ultramar os parentes não seria este Natal da maior revolta de sempre, agora que viam como foi sem a menor razão que os seus por lá se perderam? E os mutilados, os diminuídos físicos por actos de guerra — que revolta não sentirão eles?

Este foi um Natal de verdade, de desmistificação, de meditação, de alegria e de dor irmanadas.

Na RTP disse o Brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho que, infelizmente, ape-

sar da paz nas antigas colónias, ainda por lá se morria por ódio, ódio rático — aquele racismo que vergonhosamente praticamos, aquela exploração dos povos indígenas que sustentamos — enquanto tinham os do mando a desfaçatez de o negar. Poucos no país conheciam a verdade, embora com o correr dos anos, mais e mais a fossem sabendo.

Um Natal de desmistificação que a R. T. P. nos trouxe com o filme de António Pedro Vasconcelos, «Adeus até ao meu regresso», em que pudemos reviver toda a injustiça e toda a mentira que envolveu essas guerras. Sabíamos que só numa vez na Serra do Pilar havia quarenta urnas com mortos na Guiné para entregar às famílias? Sabíamos que para repatriar os cadáveres eram os camaradas que pagavam as urnas? Sabíamos que os traumas psíquicos perante a morte dos camaradas levava à hospitalização de outros soldados — o que demonstra a consciência da injustiça dessa guerra, pois, se os combatentes estivessem convictos da justiça da luta, não se atormentavam tanto com a morte dos camaradas? Essa tortura moral só poderia vir-lhes da consciência da injustiça da luta, de que eram levados para o «matadouro» para matar e morrer na defesa de interesses que não eram do povo de que eles eram, de que nós somos.

Um Natal diferente, um Natal de meditação, livre, mas de reconsideração.

Um Natal que pode ter contribuído para a consolidação da tarefa de um novo Portugal, se tiver feito sentir aos que ainda se julgam elites que são apenas povo e o que pensam ser o seu elitismo é apenas o facto de no contexto da sociedade exercerem profissões que erradamente se têm considerado de superiores — quando são todos iguais. No exercício do seu mister, tão digna é a profissão de magistrado como a de metalúrgico, a de médico como de pintor, a de advogado como a de pedreiro, a de industrial como a de estivador, a de funcionário público de qualquer hierarquia como a de chapeiro — e assim sucessivamente.

Eles vieram. Todos. Oxalá que a sua vinda neste Natal, que este Natal tenha feito firmar a concórdia entre nós e contribuído para convencer de que somos todos povo aqueles — e bastantes ainda são — que teimam a julgar-se membros de castas superiores.

25/12/74

VASCO LUIS

ECOS DO NOSSO TEMPO

O gato e a fábula

A reacção o que é? Uma hidra de sete cabeças? Um gato de sete fôlegos? Um tigre de papel? Uma miragem do deserto?

Onde está a reacção? Nos monopólios? Na alta finança? Na ignorância? Na exploração dos baixos salários? Na defesa dos privilégios?

O que é um fascista? Um reaccionário? Um explorador? Um prepotente? Um miguelista fora do tempo? Um tradicionalista estúpido e sectário?

Onde está o fascismo? Para onde se passaram os fascistas com armas e bagagens? Onde se esconderam os reaccionários?

Só a ignorância é atrevida. Os sabidos usam agora a máscara da democracia, como convém. Os inimigos da democracia, os sabotadores da democracia andam agora (todos) disfarçados de democratas, se não de revolucionários.

Estamos em pleno romance policial. Onde está o criminoso?

O detective é o povo. A ele compete descobrir quem lucraria com o crime. Que é preciso desencorajar. Que é preciso evitar. Que é preciso detectar.

Que armas vai usar a reacção? A economia, a finança ou a política? O cacete ou a pele de cordeiro? Ou todas juntas? O dente arreganhado ou o sorriso mefistofélico?

Se a reacção é a hidra de sete cabeças, a democracia terá de ser a exemplificação da fábula dos sete vimes.

MANUEL DE AZEVEDO

(No D. L.)

Adeus até ao meu regresso...

Era um sofrimento, ano após ano renovado. Quando, nos aproximávamos do Natal, era aquela conta: o desfile dias e dias dos soldados que, do Ultramar, nos desejavam boas-festas e um Ano Novo muito feliz, e cheio de prosperidades e um bom Natal e um beijo para a minha mulher e para a minha filhinha e eu bem, como estão a ver, e adeus até ao meu regresso.

Adeus até ao meu regresso — esta era a frase mais repetida, mais ouvida em todo o País, de norte a sul. Ouvida com mais esperança. Com maior fervor. Com mais angústia. Adeus até ao meu regresso: um adeus que em muitos casos, nunca seria dito de viva voz, um regresso que, para milhares de soldados, não se daria nunca mais. Tudo a bem do tudo a mal, tudo a bem da Nação, a Nação deles, a nação dos crimes e dos monopólios — que onde há monopólios há ameaça de crime e ou nos livramos daquele ou nunca nos livraremos deste. Chá de limão que não ata nem desata — só empata, só empata.

Este ano tudo se modificou. Este ano aconteceu a denúncia desses crimes. Este ano, por essas terras, do nosso pobre país, onde se esperava angustiadamente e de mãos, de mãos postas, a chegada destes desfiles longínquos apenas para fugidamente, poderem ver um rosto amado (certeza de que estava ainda vivo...) este ano por essas terras ficaram a perceber a dor e a mentira que se encontravam por detrás de tudo isso.

(Mário Castrim no D. L.)

A propósito do Natal

Encontrei há dias, na rua, rapazes distribuindo panfletos e tentando entabular conversa. Suponho ser mais uma receita de salvação nacional de algum partido ou movimento político não ia fazendo caso e seguia caminho. Mas os rapazes, fossem o que fossem, eram simpáticos. Parei, então, e começámos a conversar. Disseram-me que eram membros de uma comunidade de jovens que viviam à maneira dos cristãos da Igreja primitiva: anunciavam a paz, o amor, a fraternidade, a vida simples e a partilha de bens. Contaram-me que o movimento nasceu na América mas está radicado em todo o mundo e também em Portugal. Seu nome: «Meninos de Deus».

«Você está a ver? — dizia-me um amigo que ia comigo — esta malta são uns idealistas! Olhe que esta de pôr o «cacau» em comum! São de bom tempo!». E depois, com certo desprezo: não são católicos pois não? Bem me parecia!».

Ficou satisfeito decerto. Ele era mais católico que aquela malta idealista. Ele era um homem prático, realista, previdente, jogava no seguro, apostava sempre no mais forte.

Lembrei-me deste flash autêntico a propósito do Natal. Creio que só as crianças e os idealistas estão em condições de perceberem o que representa o Natal.

(In «V. P.»)

UMA CIDADE LIMPA
É TRABALHO DE TODOS

Restaurante do Hotel MAR AZUL

ABRIU AO PÚBLICO

Serviço à lista, Almoços e Jantares

Avenida Oito

■ ESPINHO

■ Telefone, 920824

(Continuação da página anterior)

quatro partidos, irá apresentar apenas os seguintes deputados:

— Partido A	3
— Partido B	2
— Partido C	1
— Partido D	1
— TOTAL	7

Esta representatividade partidária é pois aproximadamente proporcional ao número de votos recebido e traduz, assim, a expressão da vontade de todos aqueles 175 000 cidadãos adultos, não importando somente o Partido A, que obteve maior número de votos, a todos aqueles que votaram nos Partidos B, C e D.

OS ELEITORES

Eleitores somos todos nós, portugueses de ambos os sexos, maiores de 18 anos, residentes no território eleitoral que, neste caso é o Continente e as Ilhas Adjacentes.

Aqueles que residirem fora do território eleitoral, nomeadamente os emigrantes podem também votar.

— se tiverem filhos menores ou cónjuge a residir habitualmente no território eleitoral, portanto ligados familiarmente ao Continente ou Ilhas;

— ou se tiverem saído há menos de 5 anos.

Os residentes fora do território e nestas condições deverão votar nos consulados portugueses no estrangeiro, segundo decreto-lei a publicar para o efeito. Também os residentes fora do território eleitoral, mas que, por acaso, à data das eleições, estiverem há mais de seis meses no Continente ou Ilhas, poderão votar nas suas freguesias de residência temporária. Iguamente os portugueses residentes nos territórios ultramarinos podem votar conforme decreto-lei a sair brevemente sobre o assunto.

Também podem votar aqueles que, residindo fora do território eleitoral, estejam em missão do Estado ou mobilizados, ou sejam conjuge ou filhos menores destes.

Não poderão votar os cidadãos cumprindo pena de prisão por crime doloso, os que estejam suspensos dos direitos políticos, os dementes internados e outros definidos concretamente na lei eleitoral, bem como aqueles que, por motivo de exercício de funções públicas ou participação em organizações antidemocráticas antes do «25 de Abril», foram excluídos das eleições nos termos consignados num decreto-lei a promulgar.

Segundo os cálculos efectuados, julga-se que estarão em condições de votar cerca de cinco milhões e meio de portugueses. É na verdade, para apurar este número exacto e para se proporcionar a todos nós a possibilidade de votar, que se executem as operações de recenseamento.

A "Defesa" precisa de mais assinantes



**Quando vir este símbolo
então saberá que pode
contar com um Serviço
Bancário completo.**



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469
Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA

BOSCH — KREFFT — ARISTON

RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

CANALIZAÇÕES

CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00

CASSETES COM MÚSICA 60\$00

TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS ● ALCATIFAS

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA



**Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA**

TEL.

9 9
2 2
1 1
3 9
2 6
2 6

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO espe-
cial para Baptizados, Casamentos e
Confraternizações.

Na Discoteca

Aos domingos — Matinée

Encerrado à terça-feira para descanso
do pessoal

OURIVESARIA CONFIANÇA

Uma casa antiga (1890) que com as suas instalações

BOM GOSTO E SIMPATIA

ACOMPANHA OS TEMPOS MODERNOS

OURO — JOALHARIA — PRATAS — RELÓGIOS

RUA 19 N.º 307 — ESPINHO

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

OLIFEX

Ferreira, & Oliveira L.da

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569

PINTURARTE

Tecnicamente especializado em todo o
género de Pintura Artística, Móveis de
Adorno e todo o género de objectos
de decoração.

Armando Alves Ribeiro

Desenhador — Pintor de Arte

Rua 18, n.º 943

— ESPINHO —

Telefone, 921412

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES
de

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lúrio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

JOAQUIM GOMES PEREIRA

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem elec-
trónica para verificação de alternadores,
Bobinagem de dinamos e motores, Testes,
eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Mobil)

Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO

Residência — Telef. 964194

Centro Fotográfico

Alvaro Nunes de Pinho

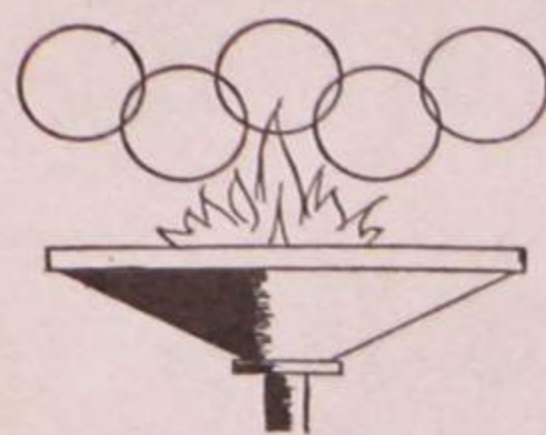
Tudo para Fotografia e Cinema

RETRATOS
RELOJOARIA

Rua 62 n.º 105

ESPINHO

Leia e assine a "DEFESA"



desporto



F U T E B O L

Nacional da 1.ª Divisão

S. C. de Espinho, 0 — F. C. Porto, 2

TRIUNFO CERTO, COM GOLOS FELIZES

«Records» de receita e de espectadores no «Avenida»; tarde estival, em pleno inverno; arbitragem de Augusto Bailão (Lisboa) auxiliado por Carlos Duarte (bancada) e Fernando Correia (peão); as equipas alinharam:

SP. DE ESPINHO: Aníbal; Bernardo da Velha, Simplicio (cap.), Washington e Valdemar; Pinto Ribeiro, Ferreira da Costa e Meireles; Augusto, Telé e Júlio.

Suplentes: Arménio, Ribeirinho, J. Carlos (substituiu Júlio aos 69 minutos) Malagueta e Gaúcho (substituiu Pinto Ribeiro aos 61 minutos).

F. C. PORTO: Tibi; Murça, Teixeira, Gabriel e Simões; Rudolfo, Cubillas e Ailton; Oliveira (cap.), Lemos e Gomes.

Suplentes: Quim, Alinho, Vieira Nunes, Seninho e Flávio.

Golos: aos 20 minutos: «livre indirecto, sobre o lado esquerdo da área espinhense, com Cubillas a tocar o esférico e OLIVEIRA a rematar sesgado, com Aníbal a ser mal batido; aos 79 minutos: Lemos persegue o esférico, Aníbal sai, têm-no ao alcance, na área, resolve aliviar a pontapé, a bola bate em Lemos ressalta por cima de Aníbal e o portista acaba de empurrá-la para a baliza deserta.

Cartões amarelos: Ailton e Lemos, ambos por mão intencional.

1. A visita do «comandante», para mais vizinho, pôs o «Avenida» cheio como jamais, superando os «records» anteriores obtidos já esta época. Apraz-nos registar que no capítulo de disciplina, fora do campo, não houve problemas e o público portou-se à altura. Já agora, lá dentro, também imperou a correcção, exceptuando-se algumas «patadas» de Gabriel, um excelente jogador, todavia «temperamental» em excesso, pisando o risco e a exigir a atenção dos árbitros à sua maneira de actuar.

2. Os portistas, vieram a Espinho, conscientes de que não iriam encontrar uma «pera doce» e, portanto, conhecedores das dificuldades, do tipo de jogo para o qual seriam empurrados pelos «tigres», num terreno «pelado», preveniram-se, apresentando um conjunto para a circunstância, bem polvilhado de futebolistas capazes de jogarem e «lutarem» (no bom sentido) ou vice-versa.

3. Os «tigres», para quem teoricamente o jogo era (à priori) de perder, embora um triunfo fosse um bônus precioso para moralizar futuramente, também se acautelaram, procurando «matar» à nascença a principal «fonte» futebolista portuense (Cubillas) e dispendo-se a contrariar a maior valia técnica dos «leaders» «nacionais», sobremodo através de dinâmica de movimento e um querer inquebrantável.

4. Postas sucintamente as premissas do encontro, vamos analisar como decorreu. De início, o Futebol Clube do Porto foi a turma com maior sentido colectivo e de melhor explanação futebolística, com os espinhenses a ripostarem bem, sobretudo aproveitando o contra-ataque, pelo flanco direito. Transcorrida a meia-hora inicial, jogada com estonteante rapidez, emotividade, alguns períodos de alternância atacante, mas com os «azuis-e-brancos» a pontificarem e dominando a situação, e já com 1-0 no «placard», os visitantes baixaram inexplicavelmente de produção e o encontro diminuiu de velocidade.

5. O último quarto-de-hora, foi, então, de maior equilíbrio, como seria o início da segunda parte do encontro, já que ao retraimento portista, correspondeu um arreganho dos «tigres», dispostos a fazer um brilhante. Os locais procuravam atacar mais e conseguiram-no, até porque reforçaram a sua frente (Gaúcho) saindo um defesa (P. Ribeiro). Os portistas aguentaram o ímpeto, tiveram dificuldades, superaram-nas, com maior ou menor facilidade.

6. Ora, ao cair da «meia-hora», o «comandante», voltou a dar um lamiré atacante, tentando sacudir a pressão e, então, foi feliz (de novo) obtendo o tento da tranquilidade, que resolveu o encontro, embora os espinhenses procurassem ainda o «ponto de honra», mas então o golo tinha vindo no momento ajustado, fazendo emergir outra vez os «azuis-e-brancos» «matando» as esperanças dos «tigres».

7. Num jogo que foi um bom encontro de campeonato, com boas fases de futebol, sem atingir no entanto grande índice, valendo pela dinâmica e emotividade, o triunfo dos portistas, parece-nos, no cômputo geral, ajustado, embora feliz na forma de obtenção dos tentos, porém, outras oportunidades criadas não tiveram o melhor aproveitamento. De resto (e porque vimos já diversas vezes o F. C. do Porto), os «leaders» parecem-nos estrutural, potencial, física, técnica e taticamente, a equipa portuguesa mais talhada para o título da época 74-75. Ora, foi contra esta turma que o Sporting de Espinho se bateu, de forma briosa, exibindo-se dentro duma bitola positiva (dos melhores jogos no «Avenida»), procurando contrariar a melhor valia dos visitantes e conseguindo certo equilíbrio em períodos lutos do prélio.

8. Individualmente, Bernardo da Velha (excelente), Washington, Pinto Ribeiro («secou» Cubillas), Júlio, Ferreira da Costa e Augusto nos locais; Murça, Gabriel, Oliveira (excelente), Lemos e Gomes.

9. A arbitragem certa, positiva, e «atrevida», quando resolveu dar início ao jogo apesar de, quase em cima das linhas de marcação do campo, haver público.

Tudo está bem, quando acaba bem, mas hoje em dia é arriscado. Quando (em todos os campos de futebol) se venderá apenas (mas apenas) a lotação exacta, respeitando-se o (defraudado) público pagante?

C. S.

VOLEIBOL

SENIORES

MADALENA, 3-AC. ESPINHO, 1

AAE — José Carlos, Jorge Monteiro, Adelino Matos, Rodrigues, Fausto Neves, Beto, Pinto Correia, Melo e Aragão.

Jogo de fraco nível técnico. Com excepção do 1.º sete, o jogo decorreu equilibrado. Arbitragem a merecer reparos.

JUVENIS

S. MAMEDE, 3-SP. ESPINHO, 2

SCE — Luís, David, Sá, Alvaro, Pinheiro, Miranda, Cascais e Rogélio.

Jogo muito emotivo entre duas equipas de valor equilibrado.

AC. ESPINHO, 3-N. ALVARES, 0

AAE — Artur Serrano, António Pinho, Paulino, Paupério, Lacerda, Fidalgo, Baptista Aurélio, Rui Alves, Antunes e Monteiro.

Os locais não tiveram dificuldades de vencer o seu opositor, que se apresentou com uma equipa muito fraca. Arbitragem sem problemas.

INICIADOS

O Sporting de Espinho venceu por falta de comparência o Colégio dos Carvalhos.

SP. ESPINHO, 3-FIAES, 1

SCE — Fernandes, Maia, Luís, Ave-lino, Pinho, Castanheira e Pinto.

AC. ESPINHO (B), 3-ESMORIZ, 1

AAE — Maltez, Iglésias, Jorge, Rogério, Fidalgo, Lacerda, Rui e Ricardo.

Vitória certa da equipa espinhense, perante um adversário, que ofereceu muito boa réplica. Esta equipa continua sem derrotas neste regional.

S. MAMEDE, 2-AC. ESPINHO (A), 3

LEIXÕES, 3-AC. ESPINHO (A), 0

AAE — Rui, Curral, Sárria, Orlando, Fernando, Toni, Albino e Casimiro.

ANDEBOL

SENIORES

ESPINHO, 20-OVARENSE, 7

GALITOS, 10-ESPINHO, 16

ESPINHO — Pinto (Casal); Alfredo, Manecas, João, Filipe, Figueiredo, Lima, Mário e Fernando.

JUNIORES

BEIRA MAR, 17-ESPINHO, 17

ESPINHO — Freire, Ludovilno, Rosas, Mendes, Ferreira, Luís, Carvalho, Proença, Cruz, Pinto, Oliveira I e Oliveira II.

Fernando (ex-Desportivo de Portugal) e Alfredo (ex-Académico do Porto), são os novos reforços da equipa do Sporting de Espinho.

O guarda-redes Pinto, voltou novamente a aparecer nas balizas dos locais, depois de ter cumprido o serviço militar no Ultramar.

A equipa Senior continua à frente da classificação do «Pobre Campeonato de Aveiro».

O camarote da Imprensa

Melhorou imenso o Camarote da Imprensa no «Avenida», pois os responsáveis espinhenses alargaram-no substancialmente e, agora, a entrada para o local é independente e funcional.

Todavia, mesmo mais amplo, o Camarote acabou por não chegar, porém, sem culpa dos dirigentes espinhenses, já que foi «invadido» por pessoas que estavam ali a mais, sem missão de trabalho. Conseguiram, não se sabe como, fugir à fiscalização da porta de entrada, tornando o agora amplo camarote exíguo.

De qualquer forma, um aceno de simpatia para os dirigentes espinhenses que, atentos ao problema e aos reparos bem intencionados da crítica (construtiva), tiveram em atenção os problemas da melhor instalação dos Órgãos de Informação, ficando nós confiantes de que, só por circunstâncias fortuitas (como foi o caso), o camarote não corresponderá às necessidades de quem precisa de trabalhar durante os noventa minutos de um jogo da bola.

De resto, falta apenas ali um telefone a possibilitar aos representantes dos Órgãos de Informação em serviço, o recebimento de eventuais chamadas dos seus jornais, mas esperemos que, de novo, os dirigentes espinhenses, atentos e conscientes dos problemas da Imprensa, voltem a dar uma ajuda da melhor maneira, agora neste aspecto.

C. S.

Hóquei em Campo

JUNIORES

RAMALDENSE, 1-AC. ESPINHO, 0

AAE — Freire, Carlos, Henrique, Jesus, Bastos, Mourão, Oscar, Meneses, Alexandre, Angelo e Fernando.

LEIXÕES, 1-AC. ESPINHO, 0

AAE — Alfredo, Carlos, Jesus, Henrique, Quim, Mourão, Oscar, Meneses, Alexandre, Angelo e Fernando.

Dois jogos muito equilibrados em que a sorte nada quis com os espinhenses. De lamentar as arbitragens que têm aparecido a esta equipa de juniores muito prometedora dos académicos.

RESERVAS

AC. ESPINHO 0-SPORT, 1

AAE — Sancebas, Justino, Vieira, Pinto, Cruz, Dias, Rui, Freitas, Meneses, Capela e Barradas.

HONRA

AC. ESPINHO 0-RAMALDENSE, 2

AAE — Jorge, Amílcar, Albano, Lima, Alexandre, Adérito, Rocha, Azevedo, Miro, Catarino e Raimundo.

Hóquei em Patins

Manuel José volta novamente a vestir a camisola «negra» da Académica de Espinho, depois de ter defendido as cores do Sporting, na última época.

Começaram já os treinos, em todas as categorias da Académica de Espinho, com vista às provas organizadas pela Associação de Patinagem do Porto, cujo início está previsto para o dia 7 de Janeiro.

Futebol Juvenil

JUVENIS

ESMORIZ, 0-ESPINHO, 8

JUNIORES

ESPINHO, 5-VALECAMBRENSE, 0

ESPINHO — Rocha; Faustino (1), Ribeirinho, Marinheiro (1) e Telmo; Sá (1) e Carapuço; Rodrigues Chilo (1), Eduardo (1) e José António.

Almoce ou jante

no
Restaurante da Piscina

Aberto todo o Inverno — Preços especiais para Banquetes até 300 pessoas — Serviço permanentes até às 24 horas — Telef. 920153

Colabore para uma cidade limpa

O QUE CADA UM FIZER...

(Conclusão da 1.ª pág.)

sem qualquer coisa de igualmente dinâmico, e, pelo menos, de tão resoluto.

Podemos enfrentar a injustiça, o preconceito, a mentira, a crueldade. Mas não é bastante prosseguir, cheios duma vaga benevolência. Nossa emoção deve conduzir-nos a um trabalho que é de algum modo ligado, ainda que indirectamente, à criação dum mundo melhor.

Assim também, se quisermos conservar o equilíbrio do espírito em épocas de tormenta, é necessário lembrarmo-nos sempre do que é bom e do que é mau no mundo. O único meio adequado de suportarmos os grandes males é termos grandes consolações. Se há algum modo de combater o desespero, ele está em recordar mais, e não menos coisas; em ampliar e não em estreitar nosso horizonte; em saber sempre mais o que é bom, em não ver só o que é mau.

A raça humana é uma estranha mistura do divino e do diabólico, o que torna inevitável o bem e o mal. O completo desespero é tão absurdo quanto o cego optimismo. Não há somente maldade e sofrimento. Há poesia, e amor, e sonho, elevando-se triunfantes sobre a dor, mostrando como o homem pode ser uma esplêndida criatura, e inspirando a vida dentro do que é nobre, como o desprezo do que é mesquinho e vil. Há sublimes realizações da inteligência humana; daí

termos aprendido o que sabemos da natureza, e podermos contemplar o universo imenso e sem fim, ante o qual as vicissitudes do presente pouco valem. Há coragem e resignação em muitos milhões de seres humanos, heroísmo em inumeráveis lares humildes espalhados pela terra. Há altruísmo em servir a humanidade. Penso nos médicos e nos enfermeiros que se expõem à contaminação, durante perigosas epidemias; nos cientistas que arriscam a vida em experiências para poupar o sofrimento a outrem; nos bombeiros e nas tripulações de botes salvavidas, nos salvamentos temerários; no destemor de enfrentar a impopularidade em benefício duma causa; e em inúmeras outras formas de bravura.

Houve sempre na história bons e maus períodos, nenhum porém de longa duração. É realmente desventura nossa viver numa fase má. Todavia, ela há-de acabar, e terminará tanto mais cedo, quanto mais cada um de nós mantiver viva a esperança.

Ao homem acochado pelo desespero, limito-me, pois, a dizer: lembre-se de que o mundo é como o fazemos, e, para sua conduta, cada um de nós contribui um pouco. Essa ideia torna possível a esperança: e com essa esperança, a vida, ainda que dolorosa, terá sempre sua razão de ser.

BERTRAND RUSSEL

Militares - povo armado

Libertar um povo não se resume a fazer-se um golpe militar. Significa assegurar até ao final a realização de um corpo de reformas que, indo ao cerne dos problemas, liberte de facto o povo da miséria, da opressão, da exploração. Nenhum conjunto de reformas revolucionárias (na medida em que há que subverter a ordem baseada na injustiça e na desigualdade para erguer uma ordem de sentido inverso) pode ser realizado sem umas Forças Armadas profundamente em sintonia com o povo, com pobres e os humildes, com os explorados do seu país. Nenhuma revolução real é realizável sem umas Forças Armadas de ideologia democrática e progressista e aliadas ao povo trabalhador. Sem o apoio de semelhante exército — afirmava-o há pouco tempo um conhecido líder do Terceiro Mundo — não se pode realizar mais do que uma simples reforma superficial. O que nos conduziria à célebre frase de Lampadusa: «É preciso que tudo mude para que tudo fique na mesma». Será este, de facto, o sentido do 25 de Abril?

A resposta, sabemos-lo, é negativa, porque se não fosse o 25 de Abril perderia sentido como revolução libertadora e como projecto patriótico. Mas não à pergunta formulada implica que, como militares-povo-armado, compreendemos não sermos apenas os guardiões de uma democracia em abstracto, mas sim de uma democracia em concreto. Que compreendamos não ser assistindo ao esforço de reconstrução colectiva de um país, que levaremos a cabo os objectivos do 25 de Abril — mas sim participando com o povo num esforço, num labor colectivo. Que compreendamos, finalmente, que este não-ser-espectador de uma luta que é de todos, não significa, que nos julgemos — ainda mesmo invocando o interesse popular — como única vanguarda dirigente, porque isso seria substituir o sentido democrático e progressista da nossa revolução por um paternalismo conducente a breve prazo à autocracia.

No momento presente da vida nacional as Forças Armadas, não podem (nem devem) pretender substituir-se às vanguardas democráticas do povo, organizado em torno dos partidos políticos que o representam. Mas têm de engajar-se totalmente na batalha da reconstrução nacional e da democratização, na batalha da dignificação da enorme massa dos oprimidos e humilhados deste país.

Corpo eminentemente cívico, as Forças Armadas do nosso país têm de acompanhar todas as batalhas do seu povo pela justiça social, a democracia e a liberdade. Têm de ser não um exército clássico e apolítico, mas uma instituição cívica e apartidária, irmanada com o povo em todas as lutas, ao seu lado por toda a parte onde exista miséria, injustiça, opressão, exploração, onde persistam as razões que fizeram do 25 de Abril uma das datas mais gloriosas na história das Forças Armadas Portuguesas.

(do Boletim Inf. das Forças Armadas)

GAZETILHA

VIDA NOVA — PIADA VELHA

O «Velho» lá se finou,
À tabela, em seu horário.
E o «Menino» já dobrou
Três folhas ao calendário.
Entrando com alegria
Já deu quatro cambalhotas
Pletórico de euforia,
Vai-nos contar anedotas:

Cita, a abrir, pra dar respeito,
De La Bruyère um conceito:
«Um tolo, não entra ou sai,
Nem se senta ou se levanta;
No falar, tropeça ou cai;
Não tem a graça que encanta
Nem gosto pra se vestir,
Nem se sabe conduzir...
Como qualquer cidadão
De espírito e de condição!»

Deambulou toda a noite,
Até alta madrugada,
Porque algo tem a fazer
E não se lembra de nada,
Por mais que a memória açoite.
Eis que se vê desfazer
Essa sorte de bruxedo:
«Já sei, raios! — o que eu tinha
Resolvido hoje, à noitinha:
— Era ir prá cama cedo!»

— «Oiça bem o que lhe digo,
Crê-me idiota perfeito?!»
Responde o outro sujeito
Em tom solene e profundo:
— «Acalme-se, meu amigo!
Nada é perfeito no mundo!»

«—E o seu tio conservou
O juízo e a lucidez
Até quando se apagou?»
— «Ainda no sei, ao certo,
Que só amanhã às dez
É o testamento aberto!»

— «Queira desculpar, senhor:
Esse lugar está ocupado!»
— «Diga-me então, por favor,
Sobre quem estou sentado!»

Alberto Barbosa (BEKA)

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES COMPRA • VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 • 311991 • 381032

PORTO



MEDIADOR AUTORIZADO

RESIDÊNCIA

1.ª CLASSE
* * * *

GIRASSOL

RUA SA DA BANDEIRA, 131
TEL. 21891/2/3 — PORTO.PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE

TELEFONE 27393

MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

SEMANÁRIO AVENÇADO

Câmara Municipal de Espinho,
Rua -17
ESPINHO.